

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-SETOR LITORAL

MOISÉS MORATO CAVALCANTE

MEDIADORA: ANGELA MASSUMI KATUTA

MEMORIAL DESCRITIVO E ANALÍTICO

PARANAGUÁ/PR

2023

SUMÁRIO

1. Introdução

1.1 Agradecimentos

1.2 Minhas origens, meu início e vivencias durante o curso de Licenciatura em Geografia

1.3 A transformação da Geografia na minha vida

2. Imagens para recordar

3. Conclusão

4. Considerações finais

1. Introdução

Memorial descritivo e analítico do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral), que relata as vivências, as experiências e os vários pontos de vista adquiridos desde o início ao término do curso,

Este memorial é o resultado dos portfólios que foram escritos semestralmente durante o curso, sendo revisados pelo corpo discente e trazendo análises críticas da realidade do nosso cotidiano e relacionando os conteúdos com o nosso meio de vida. Minha mediadora deste memorial - Ângela Massumi Katuta, foi a docente que me acompanhou durante esta caminhada e tem como objetivo final me auxiliar na sintetização dos conhecimentos adquiridos e finalização deste memorial.

Início este memorial relatando minha chegada na universidade, minhas alegrias e frustrações, as dificuldades pessoais, meus preconceitos que logo de início foram se desfazendo e as transformações no meu cotidiano.

1.1 Agradecimentos

Quero agradecer primeiramente a Deus, a minha família e a companheira e ao corpo docente pelo apoio de sempre, também aos colegas de classe que me acompanharam até o final e aos que se formaram antes, agradeço também ao espaço que a universidade nos proporcionou, as redes de apoio e a todos os envolvidos neste processo de aprendizagem, desde os aprendizados em sala de aula e nas saídas de campo.

1.2 Minhas origens, meu início e vivências durante o curso de Licenciatura em Geografia

Meu nome é Moises Morato Cavalcante, sou natural de Paranaguá, tenho 32 anos, ingressei na universidade aos 26 e sempre morei no litoral paranaense. Venho de uma família humilde e já passamos muitas dificuldades. Mas minha mãe sempre me incentivou ao estudo, meu pai é formado até o ensino médio. Minha mãe depois de ter parado o estudo por 20 anos, conseguiu se formar no ensino médio integrado ao magistério, foi um grande incentivo para mim e minhas irmãs continuar estudando.

Por morar em outro município da universidade, foi um desafio ir até o final do curso, pois houve dias de estar cansado após um dia de trabalho, pegar o carro e dirigir por 50 minutos na ida e na volta para casa, minha companheira sempre junto comigo. Faço esse relato agora para lembrar o caminho desde o início até o término deste curso, os dias cansativos que pensava em não ir para a universidade, mas sempre recebi incentivo da minha família e professores. Sou grato a todos que fizeram parte deste percurso.

Meu primeiro dia na Universidade Federal do Paraná-Setor Litoral, foi muito gratificante pois eu fui o primeiro de 4 irmãos que ingressou no ensino superior. Nesse primeiro momento, junto a felicidade veio o frio na barriga e a certeza de que eu iria ir até o final do curso. Encontrei várias pessoas e matérias diferentes, o estranhamento das ICHs: o que seria essa interação cultural humanística? E... o Projeto de aprendizagem. Entrar num auditório e ver todos os professores à frente, foi um sentimento de felicidade e nervosismo.

Nos dias seguintes conheci a sala temática da Geografia, e lá estavam os três professores que estavam a frente do curso, dando aulas juntos. Eu já estava imaginando a cobrança dos professores em cima dos alunos, as cadeiras voltadas a uma mesa redonda (achei estranho), e então começamos a falar sobre a proposta do curso, que tinha como objetivo a inclusão. Pela primeira vez, presenciei o professor perguntando ao aluno o que mais se destacava em seu meio de vida, e a partir do relato de cada um iniciou a fala sobre as saídas de campo dos municípios onde cada aluno iria compreender mais seu município e,

a partir disso, a ideia era olhar com um ponto de vista mais crítico as ações do nosso meio de vida.

Logo após o início das aulas, o elevador da Universidade entrou em manutenção, e como na sala tinha uma aluna cadeirante fomos ter aulas no auditório, e naquele momento eu não compreendia muito bem, o porquê de um aluno não conseguir ir até a sala. Todos tinham que ficar no auditório, por que não dar uma tarefa para essa aluna fazer em casa? E então, a partir das falas dos professores sobre inclusão, comecei a compreender o ponto de vista da colega cadeirante, porque ela tinha que passar pelo constrangimento e o risco de se machucar subindo seis lances de escada no colo de alguém só porque eu pensava que: se o problema fosse a não acessibilidade dela até a sala, tinha que deixá-la de lado e fazer um material separado para ela não nos atrapalhar?

Pensando sobre todo esse processo hoje vejo que: primeiro, eu estava com a ideia retrograda que só se aprende se estiver em sala de aula, e também tomei consciência do preconceito que existia dentro de mim. Com o passar do tempo fui aprendendo com a sala a importância da inclusão, de compreender as dificuldades do outro sem fazer um pré-julgamento antes, essa experiência me marcou muito e não podia deixar de relatar neste memorial.

No decorrer do semestre, fomos reconhecendo a geografia nas ações do nosso cotidiano, desde o conhecimento do plano diretor do nosso município, os conflitos por terra e território, interesses políticos no zoneamento urbano, a precarização da infraestrutura e do saneamento básico, a força da comunidade quando a luta for de todos. Foram abordados detalhes e conhecimentos que, na rotina das pessoas, elas não percebem que algumas vezes apoiam uma ação que, num futuro próximo, poderá prejudicá-la e seu bem estar.

No segundo semestre, o curso de Licenciatura em Geografia abriu uma visão mais ampla das relações com meus familiares e na comunidade onde cresci, a expansão do poder público e privado no município de Paranaguá, moradores que foram expulsos ou realocados de suas moradias para que o interesse econômico aumentasse seus lucros sem dar importância para os moradores que residiam há anos, principalmente na beira mar. Ampliou minha visão sobre a riqueza que o Porto de Paranaguá gera e que uma mínima parte

fica para o parnanguara, mas o lucro real fica concentrado para uma pequena parte de pessoas. Também me mostrou as riquezas naturais que temos no nosso litoral, Guaraqueçaba com suas inúmeras nascentes de rios, a transformação do litoral na sua urbanização e a verticalização do balneário de Caiobá, Morretes e seus artesanatos, sua renda vinda da agricultura, sua localização próximo à Serra do Mar. As saídas de campo foram muito proveitosas para uma melhor aprendizagem sobre as características geográficas do nosso litoral.

Junto às novas perspectivas geradas no curso, conhecemos o Bem Viver, a importância de estamos bem conosco, para um melhor convívio na sociedade, cuidados com a nossa alimentação, exercícios físicos e mentais, meios de relaxamento, a importância da mente estar conectada com o corpo para ter um resultado mais positivo nas tarefas que nos propusermos a fazer. São detalhes que na rotina do dia a dia deixamos de lado e nosso corpo com o tempo vai pedindo ajuda.

Conheci a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9394/96, que é a lei que rege a educação brasileira, bem como estabelece o ordenamento legal sobre o exercício da profissão dos professores. Debates sobre os livros didáticos, os conteúdos e a forma como esses materiais os aborda, contempla a quem? Qual o objetivo do material que consiste no livro para o aluno? A importância de levar o aluno a se reconhecer no seu ambiente para depois se reconhecer no mundo. Essas questões que nos pregam que eu só fui compreender na geografia.

Hoje, quando assisto um jornal ou vejo alguma notícia, me pergunto, qual o real interesse dessa notícia? O que tem por trás desse movimento? Esses e outros olhares que a geografia me mostrou no meu dia a dia foram importantes. Sempre a história nos conta que a terra tem milhões e milhões de anos, e numa saída de campo para Mafra-SC, organizada pelo prof. Luiz Fernando de Carli Lautert na Universidade do Contestado, visitamos um sítio arqueológico. Vimos que aquele solo, milhares de anos atrás era um fundo de oceano, poder ver aquelas rochas com as marcas de peixes nelas, foi muito gratificante, nós ouvimos e estudamos sobre isso, mas conseguir vivenciar essa experiência foi de muita felicidade.

Como ainda não me sinto muito a vontade em falar em público, fiquei um pouco preocupado, pois começamos a abordar a questão do plano de aula, como seria estar em sala de aula, que tem em média 25 alunos olhando para você. Fiquei pensando o que eu iria fazer, mas depois de fazer meu primeiro estágio na escola onde me formei no ensino médio, apesar de não concluí-lo, diminuiu um pouco a expectativa de entrar em sala de aula.

Mas foi a partir do segundo estágio com o Professor Jason, na Escola Estadual Porto Seguro em Paranaguá que comecei a me sentir mais à vontade na escola. No segundo estágio, eu e a colega Franciele fizemos juntos com o mesmo professor. Então, ter uma colega próxima era mais tranquilo. Mas, na sequência, comecei a ir na escola sozinho, e só tenho a agradecer pela atenção e carinho que o professor teve comigo.

A princípio, ele me dava algumas dicas de como me comportar em sala de aula, de compreender o dia do aluno. Numa aula ele perguntou sobre a vida dos alunos e pude ver a dificuldade que cada um tinha para resolver as tarefas em casa. Alguns tinham apoios e outros não e, assim, o professor foi mostrando que tem situação que para não prejudicar o aluno, ele tentava fazer sempre as atividades em sala de aula.

Observando o comportamento do professor sempre calmo, tranquilo, os alunos sempre participavam da aula dele, e assim no decorrer dos estágios fui me sentindo mais à vontade em sala, nos últimos estágios, o professor me dava a palavra para auxiliar os alunos com a solução da matéria. E assim, os alunos vinham até mim para corrigir os exercícios, isso foi criando um vínculo que uma certa vez fui fazer um serviço próximo à escola e um aluno passou e falou “olha o professor ali”, foi um sentimento de alegria ver que alguns pequenos detalhes em sala, o aluno não esquece e leva para si.

Minha experiência no estágio foi muito relevante para reconhecer a importância do professor. Principalmente nesses últimos tempos, pois o professor tem sofrido muito julgamento, descaso, e só quem vive em sala de aula sabe as dificuldades que ele passa. Com a pandemia do Corona vírus, tivemos algumas aulas on line com professores de outros lugares com novas experiências, foi de muita valia escutar suas falas, assim nós vemos que as

dificuldades têm em todo o setor, mas o professor nunca desiste e continua em frente.

Foi no curso de geografia que fui conhecer as lutas dos movimentos sociais, participei de uma saída de campo para o então acampamento que, recentemente transformou-se em assentamento José Lutzemberger do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), em Antonina. Fiz uma pesquisa sobre o movimento social dos atingidos por barragens, pesquisei sobre a Usina Hidrelétrica de Itaipu e seus impactos. O que foi mais proveitoso é que além das falas em sala de aula, nós conseguimos ir a campo e conhecer as lutas e suas vivências nos assentamentos.

Também pela primeira vez conheci uma aldeia indígena. Compreender seus modos de vida, ver suas raízes, suas histórias, são vivências que jamais serão esquecidas por mim. Hoje eu defendo os índios e os movimentos sociais, porque a mídia só denigre suas imagens e lutas. Mas sou grato aos professores e ao curso por nos proporcionar mais esta experiência.

Libras também foi um universo novo que conheci. As diferentes pessoas surdas, algumas que vivem com a surdez sem o interesse de colocar aparelho auditivo, outros que preferem usar o aparelho, outros casos que a família luta para que o surdo consiga escutar algo através de tratamentos mas sem saber se o surdo quer continuar com o tratamento, e a linguagem de sinais, que cada dia que passa tem introduzido mais esse grupo na sociedade, o processo ainda é lento, mas está caminhando.

1.3 A transformação da Geografia na minha vida

É nítida a transformação que a Geografia fez na minha vida, desde o reconhecimento do professor como uma das profissões mais antigas e bonitas. Depois de conhecer o curso passei a defender mais a classe, compreender mais os obstáculos que o professor tem desde o momento de criar uma aula, avaliando se seu aluno vai entender sua aula, além de apresentar seu conteúdo ter que lidar com situações que envolve a dimensão pessoal do aluno.

Depois de compreender o papel do professor não tem como não haver nenhuma transformação. A entrada na universidade em si já mudou minha percepção de sujeito até mesmo na sociedade, e a partir da Geografia comecei a me posicionar mais politicamente. Hoje em dia eu confronto minha família e amigos se o agro é pop mesmo, explico que é a agricultura familiar que traz comida à nossa mesa, falo sobre agro floresta, a importância de não usar agrotóxico no nosso alimento, entender que quando aumentam a quantidade de agrotóxico nas lavouras, isso com o tempo vai enfraquecendo nossa saúde e enriquecendo os fazendeiros.

O conceito que eu tinha dos movimentos sociais principalmente do MST, que a mídia sempre abordava como um grupo que invadia terras alheias para depois vender os lotes, e quando conheci um assentamento pude ver suas organizações territoriais, seus modos de cultivo, as famílias que lutam pela terra por uma vida digna, os meios que a comunidade fez para reivindicar e organizar a educação para as suas crianças, entre outras questões. A parceria que a universidade faz para que possamos ter essas vivências e romper com os preconceitos é muito importante.

Outra transformação também foi com os preconceitos. Passei a compreender e respeitar cada indivíduo, não que antes eu não respeitasse, mas na maioria das vezes somos preconceituosos sem saber. Algumas falas se tornam “normal” para nós mas para outros ferem seu ser. O curso, as rodas de conversa me proporcionaram corrigir essas falas e compreender a escolha de cada um.

Também ser mais paciente com o outro foi uma aprendizagem importante. Várias vezes eu julgava o porque de dar tantas chances para o colega, sem saber o problema que ele está passando. Até que no final do ano de 2022 eu passei por um problema ansiedade e não consegui me concentrar em quase nada. Neste período, eu estava no sexto semestre do curso. Conversando com os professores eles me deram muito apoio para passar por este momento difícil. Foi uma lição de gratidão pelos professores e para mim de humildade, pois cada um passa por problemas e o mundo nos ensina a ser individualista. O curso sempre tentou ver caso a caso e chegar no melhor resultado possível. Tem uma frase que me mudou durante o curso que foi a “auto

sabotagem” que os alunos aplicam sobre si. Comecei a refletir sobre esta frase e hoje eu levo comigo, sempre que percebo que estou fazendo errado lembro dessa frase e me corrijo. Muitas são as transformações que vivenciei neste período do curso, algumas não vem na mente agora, mas quando estou no meu dia a dia me pego pensando o porque das coisas, daquele movimento, e esse porque com certeza veio da geografia.

2, Imagens para recordar



Figura1- Saída de campo para Guaraqueçaba, Morro do Quitumbê próximo à baía de Guaraqueçaba em 11 de junho de 2018



Figura 2- Saída de campo para Guaratuba, na Avenida Beira Mar, Roda de conversa sobre a restinga, 25 de novembro de 2017.



Figura 3- Saída de campo para Guaratuba, Igreja Matriz de Guaratuba em 25 de novembro de 2017, reconhecimento do litoral.



Figura 4-Saída de campo de Paranaguá, Ilha dos Valadares, em 3 de dezembro de 2017. Reconhecimento do litoral.



Figura 5- Entrada da associação Pro Crep com placas educativas, em Palhoça-SC, em 25 de novembro de 2022.



Figura 6- Roda de conversa na associação Pro Crep, em Paçoço-SC, em 25 de novembro de 2022,

3. Conclusão

No período da minha formação, conheci profissionais incríveis, dedicados à educação e fora muitos os aprendizados com os alunos. Compartilhei minhas experiências de vida, vivenciei experiências que nunca tinha imaginado vivenciar, tive a oportunidade de conhecer de perto os movimentos sociais, participar de rodas de conversa e conhecer as lutas de cada grupo. Conheci pela primeira vez uma aldeia indígena, compreender como eles vivem e se movem, suas lutas por terra e território que a cada dia que passa se intensifica mais, participei de uma saída de campo na USP em São Paulo. Ver a estrutura que aquela universidade tem foi incrível. Também conheci escolas com metodologias de ensino diferentes. As saídas de campo e as rodas de conversa em geral, foram o diferencial para um melhor aproveitamento na minha formação como professor e pessoa. Foram importantes também os apoios didáticos que a universidade oferece, os apoios físicos, auditório, tenda, R.U. (Restaurante Universitário). Foi uma trajetória com algumas pedras no caminho mas no final foi de um ótimo aproveitamento.

Me reconhecer como indivíduo na sociedade, me posicionar mais na minha vida social, reconhecer meus valores e fraquezas, essa caminhada foi um

turbilhão de emoções que escrevendo esse memorial, lembrando cada portfólio, as inquietações se estava fazendo certo ou errado, e com o apoio dos professores e colegas sempre seguindo em frente. Sou grato a todos pelo apoio de todos, a da universidade em geral.

4. Considerações finais

Nesse processo de formação acadêmica, quero agradecer a todos os envolvidos: aos professores que sempre estiveram presente, nos momentos alegres e nas dificuldades também. Agradeço aos colegas que seguiram junto na caminhada até o final do curso e aos que, por algum motivo, seguiram outros caminhos durante este processo mas que deixaram suas marcas nessa trajetória. À assessoria do curso que por várias vezes tem nos socorrido com os prazos e as burocracias, aos motoristas que, como sempre, nos levaram nas saídas de campo e o espaço da universidade em geral, sou grato a todo o apoio que tive na minha formação e levarei essas memórias para sempre no meu coração. Gratidão é a palavra que resume essa caminhada.

5. Referências Bibliográficas

Krenak, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Acosta, A. O bem viver. São Paulo: Elefante, 2011.